

das sete partidas

CURIOSAS

COINCIDÊNCIAS

JN. 19/8/82

Por SANTOS RIBEIRO

Por curiosa coincidência, como diria aquela Dona Amélia de que falava Jorge Amado no romance «Gabriela, cravo e canela», a nova ofensiva militar contra a República Popular de Angola, que parece estar a assumir proporções de extrema gravidade, junta-se um atentado que vitimou, na capital de Moçambique, uma destacada dirigente do ANC (Congresso Nacional Africano, organização clandestina que combate o regime do «apartheid»). As duas ex-colónias portuguesas na África Austral voltam a estar em foco por curiosa coincidência, como se verá adiante, vítimas (aparentemente) de um mesmo centro de perturbação. E ainda, sem dúvida fazendo jus à expressão tão cara à Dona Amélia da cidade de Ilhéus, onde vivia uma mulata Gabriela e o árabe Nacib, também nas ilhas Seychelles (no Oceano Índico, a norte de Madagáscar e a noroeste das Comores) a instabilidade apareceu, através de um golpe de contornos mal definidos, mas que, por certo, teve ecos em Pretória.

Temos assim que, comprovando aquilo que nestas mesmas colunas se dizia, na semana passada, uma certa África considerada progressista continua a ser alvo de uma política sustentada na lógica da agressão ou da perturbação. No Sul de Angola, são as próprias autoridades de Pretória que reconhecem o seu envolvimento nas operações militares em curso. No caso do atentado em Maputo, não parece descabido admitir a hipótese de envolvimento sul-africano, através dos serviços secretos, na morte de Ruth First. Evidentemente, tanto no Sul de Angola como na capital de Moçambique, as autoridades de Pretória podem contar com a intervenção de elementos que se opõem aos regimes do MPLA e da FRELIMO. Na explosão ocorrida na Universidade de Maputo (mais propriamente no seu Centro de Estudos Africanos), também ficou ferido Aquino de Bragança, intelectual com influência na República Popular de Moçambique, personalidade escutada ao mais alto nível do Estado, como conselheiro experimentado e capaz. É natural, pois, que a Resistência Moçambicana possa reivindicar o atentado, mas falta explicar por que foi uma combatente anti-«apartheid» a principal vítima...

No golpe que agitou as Seychelles, pode dizer-se que, independentemente dos seus verdadeiros objectivos, ele serviu os interesses daqueles que estão empenhados em mudar a face desta ex-colónia britânica, herdada da França, e que se tornou independente em 1976. As Seychelles, desde que o presidente Albert René tomou o poder, têm seguido uma política terceiro-mundista, alinhando com a Tanzânia e Moçambique na denúncia do «apartheid». Deve, aliás, recordar-se que as Seychelles sofreram outros golpes, um dos quais, em fins de 1981, foi reconhecidamente de inspiração sul-africana.

Face a tudo isto, e sem querer assumir uma posição maniqueísta, é aconselhável falar novamente dessa Dona Amélia que Jorge Amado criou e das suas curiosas coincidências. Não será, de facto, motivo de perplexidade a simultaneidade da invasão militar do Sul de Angola, do atentado em Maputo e do golpe nas Seychelles? Esta agitação em África, ao cabo de contas, a quem interessa em primeiro lugar?